

Ler o rio, entender com o braço e remar como um só: estudo etnográfico sobre corpo, técnica e aprendizagem na navegação de rios de corredeira em bote ou rafting

Marília Martins Bandeira*

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Este artigo é parte de uma etnografia sobre o significado dos esportes de aventura, mas tem como objetivo específico problematizar a iniciação esportiva em uma modalidade de canoagem em rios de corredeira, o *rafting*. O campo deu a conhecer as ideias de ler o rio, entender com o braço e remar como um só, como técnicas privilegiadas nesta modalidade, que é praticada no contato com o incontrolável de ser natural, que é vivo: o rio. Neste contexto em que a natureza é a arena esportiva, conclui-se que é preciso reconciliar a literatura sobre práticas esportivas não só com aquela sobre o corpo, mas também com aquela que problematiza a questão em torno do divisor natureza/cultura e da percepção do ambiente, para alcançar uma melhor compreensão sobre estes tipos de modalidades, nas quais a exposição a riscos é central.

Palavras chave: esporte de aventura, corpo, técnica, rafting

ABSTRACT: This paper is part of an ethnography on the meaning of adventure sports. Discussing the initiation in a modality of canoeing in rapid rivers, rafting, is its specific goal. The field brought to light the ideas of reading the river, understanding with the arm and rowing as one. As privileged techniques in this modality, which is practiced in the contact with uncontrollable nature phenomena: the river, seen as a living being. In this context, where nature is the arena, we conclude that it is necessary to reconcile the literature on sports not only with that on the body, but also with the one that discuss nature/culture and the perception of the environment in order to achieve a better understanding of these types of modalities in which exposure to risks is central.

Key words: adventure sports, body, technique, rafting

Introdução

Este artigo é produto de uma etnografia realizada como pesquisa de mestrado em antropologia social, cujo objetivo geral era compreender a noção de aventura no contexto esportivo e conhecer os significados e características compartilhados, que permitem compilar

* Professora Adjunta do Departamento de Educação Física da UFJF-GV. Doutora em Educação Física pela UNICAMP. mariliamartinsbandeira@gmail.com ou marilia.bandeira@ufjf.edu.br

em um único conjunto, modalidades muito diferentes, que vem sendo classificadas como esportes de aventura, esportes radicais, esportes ao ar livre, esportes extremos, etc. Para tanto, a cidade paulista autodenominada capital brasileira dos esportes de aventura foi recortada como campo.

Em nove meses de trabalho de campo em Brotas, aprendi que as pessoas que praticam estes tipos de modalidades têm estreita relação com o cânion daquela região. A cidade é famosa por ser propícia às caminhadas na mata que levam às suas inúmeras cachoeiras, mas também pelas técnicas verticais, também relacionadas à contemplação e fruição das matas e cachoeiras (nas quais se pode fazer rapel, escalada, arvorismo, tirolesa), e também por ser “constante” a navegação do rio de corredeira que a corta. Isto significa que ele nunca seca totalmente, permitindo navegá-lo mesmo em períodos de seca.

Nesta imersão percebi que muitas das pessoas que lá vivem, tem estas práticas como lazer e esporte, mas também como trabalho, oferecendo sua expertise técnica como forma de levar turistas a passear (relação complicada que discutimos em Bandeira e Ribeiro, 2015). E as circunstâncias em campo me deram a conhecer a imensa importância do *rafting* para a cidade. Por isto, apesar de partir de uma observação ampliada sobre um contexto multiesportivo e a coexistência de diferentes modalidades, e de muitos destes esportistas/guias turísticos realmente praticarem muitas delas, quando percebi que havia uma segmentação e especialização: técnicas verticais ou navegação de *águas brancas* (maneira como denominam os trechos em que o choque da água com as pedras produz espuma que a confere tal cor), percebi que o campo me dava mais detalhes sobre a canoagem em rios de corredeira, em específico a modalidade *rafting* e a equipe de *rafting* competitivo Bozo D'água, formada por guias turísticos, que não só é campeã brasileira invicta há mais de uma década, como era, na época do trabalho de campo, a única tricampeã mundial e, desde 2017, é a única heptacampeã

mundial¹. O objetivo do presente artigo é, problematizar o processo de iniciação ao *rafting* e sua corporalidade especificamente construída na relação com as dinâmicas da corredeira.

Os Rafteiros

Os *rafteiros* da cidade de Brotas, em sua grande maioria, homens que se preocupam em construir corpos fortes o suficiente para este tipo de navegação (e para isso utilizam-se de técnicas de musculação), preocupam-se também com a elaboração de normas e prescrições de segurança (tais como o uso obrigatório de certos equipamentos: capacete e colete salva-vidas, por exemplo) e ocupam-se com a aquisição ou construção de uma habilidade que chamam de *ler o rio*. Apresentam este saber em um rico vocabulário específico: linhas d'água, remansos, ondas, rebojos (que seriam encontros de correntes que formam redemoinhos) e refluxos (quando um dado volume de água não pode fluir por uma passagem estreita e parte dela é levada em outra direção), entre outros termos.

Através da análise dos diferentes comportamentos da água do rio estas pessoas sabem quais trechos são rasos ou fundos, onde estão as pedras e qual seu tamanho, mesmo quando não estão expostas, sabem também que há em um mesmo rio trechos de *água pesada* e *água leve* e criam tipos de remada para se beneficiar de suas características e direcionar seu barco de maneira segura na transposição de uma corredeira. Tal conjunto de capacidades conforma uma modalidade de inteligência indissociável de um saber-fazer, nos seus termos, *descer o rio*, que desde há muito tempo é adquirido em Brotas por transmissão geracional.

Assim, os meninos de Brotas não só saltam das pontes, nadam e pescam nos trechos calmos das águas do rio Jacaré Pepira Mirim, que corta a cidade, chamado carinhosamente de rio Jacaré, mas se desafiam a interagir com suas corredeiras. Além dos mergulhos em rebojos e refluxos, experimentam descer as corredeiras sobre diversos tipos de materiais tais como tábuas de madeira, pranchas de isopor e o mais comum deles, câmaras de ar de pneus de

caminhão, dizem as muitas contações, conformaram um hábito. Era inegável a expressiva minoria de meninas brincando no rio e interessadas em aprender e trabalhar com *bóiacross* e *rafting* e as mais novas não eram incentivadas ou autorizadas por suas famílias, fato justificado pelo argumento do perigo do rio de corredeira.

Descer o rio de bóia, atividade atualmente chamada *bóiacross*, é não só a brincadeira identitária dos meninos de Brotas, como também um mecanismo de operação de sua masculinidade. Na medida em que, dependendo da frequência e intensidade das chuvas na região, o volume e a velocidade das águas do Jacaré oferecem condições peculiares para provas de coragem e vigor físico que são tidas como atestados de virilidade. Eventualmente, a descida de bóia que não avalia bem o volume de água e a velocidade do rio, somado à utilização de materiais improvisados sem equipamentos de segurança e consumo de álcool, podem resultar em morte.

Depois da exploração do rio Jacaré por *rafteiros* forasteiros e da importação do *rafting* pelos empreendedores, para incrementar o turismo de aventura na cidade, *descer o rio de bote* passou a ser também uma atividade de interesse dos meninos de Brotas. As corredeiras transpostas pelas *bóias* começaram a figurar para os já adolescentes, então, como desafio limitado. E tornou-se desejável procurar corredeiras maiores, mais íngremes e pedregosas, ou seja, aprender o *rafting*.

Entretanto, ao contrário das bóias, não é comum que os brotenses possuam seus próprios botes. Devido ao seu alto custo, aprender a descer o rio de bote se tornou possível para os meninos da cidade, então, de duas maneiras. Ao lançarem mão de sua já adquirida capacidade de *descer o rio de bóia* e aderirem à recém criada profissão de *condutor de turismo de aventura* oferecendo seus serviços de guias às agências turísticas proprietárias dos botes, que, em busca de mão de obra local e barata passou a oferecer cursos de *rafting* a quem se interessasse por trabalhar com ele. Ou, mais tarde, participar das equipes de *rafting*

competitivo, formadas pelos *condutores* pioneiros na cidade depois da criação do campeonato brasileiro da modalidade e ainda mais reconhecida e procurada após as vitórias consecutivas de uma equipe brotense formada por *condutores*, a Bozo D'água, no campeonato mundial.

Os meninos *descem o rio de bóia*, portanto, para fazerem-se meninos e os homens descem o rio de bote para fazerem-se homens, e por consequência, estas práticas se caracterizaram, nesta ordem, como brincadeira, ofício (turismo) e esporte brotenses. Em campo - mesmo em situações aleatórias como procurando os serviços de uma imobiliária, no banco ou após sofrer um capotamento na rodovia - encontrava homens (corretores de imóveis, bancários, mecânicos, policiais rodoviários, guincheiros) que contavam ter trabalhado com *rafting* na adolescência, ou ainda realizar *descidas* em suas folgas. Mas foi no espaço das escolinhas de *rafting* competitivo que encontrei meu lugar de pesquisa.

Na recém-criada (no ano de 2010) escolinha de *rafting* da Associação Brotense de Esportes Aquáticos, iniciativa dos membros da equipe Bozo D'água, não só pude compreender a complementaridade e as diferenças das dinâmicas de *condução* e *competição* no *rafting* como a forma como iniciam seus neófitos. Neste contexto, meu interlocutor privilegiado foi Coré, o criador, capitão e técnico da equipe Bozo D'água, mas gostaria de agradecer também Jean Claude, Samuka, Fabinho, Zé Prego, Kekê, Leão, Genildo, Serginho, Rufus, Mormaço, Zulu, Muriçoca, Mãozinha, Paulinho, João, Lê, Plácido, Zequinha, Jorge, Nando, Biel, Duzinho, Marina, Ana, Cecília, Rebeca e Juliana pelos ensinamentos aqui contidos.

A rotina de treinos na Escolinha de Rafting

Este tipo de navegação em rios de corredeira pedregosos só é possível em embarcações peculiares, simultaneamente resistentes e flexíveis. Além dos caiaques, para a navegação em grupo, há barcos infláveis, chamados *rafts*. Apesar de feitos de material

inquebrável no choque com as pedras, são sujeitos a sofrer furos e rasgos, contra superfícies pontiagudas. Os mais comuns atualmente no *rafting* turístico, e também aqueles utilizados no *rafting* esportivo competitivo, são os de seis lugares, três de cada lado, largos e curtos em comparação com canoas amazônicas, e neles cada remador porta um remo livre de uma pá.

A maioria dos treinos da escolinha é realizada no trecho do rio que toca o perímetro urbano da cidade, chamada Parque dos Saltos, perto da ponte onde há um grande trecho de água calma, consequência da barragem da velha hidrelétrica da cidade, antes das grandes quedas que dão o nome ao parque e que são usualmente não navegáveis, objetos de contemplação desde mirantes que compõem o parque. É nesse trecho que acontecem treinos diários para os adultos e juniores perto da fase de competições e a iniciação esportiva dos iniciantes, com exceção da segunda-feira que normalmente é o dia de folga dos *condutores*.

De terça a sexta-feira os treinos aconteciam das 14 às 17 horas. Sempre sujeitos a cancelamentos de última hora, atrasos ou antecipações devido ao caráter voluntário do trabalho do técnico e aos inúmeros problemas pelos quais se responsabiliza enquanto capitão da equipe Bozo D'água e *coordenador e condutor de águas brancas* de uma *agência turística*. Ou seja, se os turistas aparecem e a agência convoca, ele precisa priorizar o seu emprego de *condutor* ao voluntariado como treinador.

Usualmente, os treinos começavam com um alongamento no barracão de equipamentos da *agência* que guarda os remos e o bote que usam. Depois de levarem o bote até o rio, aproximadamente dois quarteirões ladeira abaixo, às vezes apoiado em uma estrutura de metal com rodinhas, às vezes carregando-o, é feito um aquecimento no rio que corresponde à execução bem lenta, por vezes pausada, do movimento de remada, com foco em sua precisão.

Após o aquecimento, no qual são corrigidas as posições de ombros, cotovelos, quadris, tronco e cabeça, é chamada atenção para a forma como o remo deve entrar na água (*em*

ataque, ou seja, com a *pá* inclinada para frente no sentido de um ângulo de quarenta e cinco graus com a água, com o objetivo de atingir maior *alcance* para a remada) e sair da água (sem jogar água para cima, o que, segundo eles, empurraria o bote para baixo gerando mais atrito). Com o intuito de ajustar sua sincronia, a remada pode ser dividida em duas etapas, com uma pausa entre elas: a *puxada*, tempo em que o remo permanece dentro da água, e a *fase aérea*, tempo que leva para ser colocado de volta à posição inicial.

Concluído o treino técnico, tem início o treinamento de condicionamento físico e/ou *resistência*, ou seja, de sequências de movimentos cíclicos de longa duração e intensidade moderada. De maneira mais acelerada, rema-se contra a correnteza até um ponto acordado e, depois a favor dela, de volta ao ponto onde o bote é colocado na água, completando círculos e focando a sincronização do ritmo dos remadores. Dependendo da equipe e da fase do ano muitas voltas são feitas sem descanso e em distintas velocidades, mas cada vez em velocidade mínima mais elevada. Isto porque a resistência é a capacidade física necessária no *descenso*, prova de maior pontuação de um campeonato. Como fazer uma volta pode levar quase meia hora, e não é possível acompanhar todo o percurso da margem. O fato de que este momento do treino é o que dura mais e aquele que se observa do parque por apenas alguns segundos, enquanto fora do bote, pedi para participar da escolinha, apesar de ser a única adulta neste contexto, e mesmo não havendo nenhuma aluna menina e nenhuma atleta mulher treinando naquele momento, com o intuito de poder realizar uma participação observante e ouvir o que acontecia e o diziam entre si quando afastados da área urbana.

Uma equipe feminina chamada Brotas 40 graus já existia nesta época e era campeã brasileira, mas a maioria de suas componentes não moravam mais em Brotas. As que moravam estavam se preparando para o vestibular e só treinariam intensivamente em período próximo ao campeonato. A questão de gênero está mais detalhada em Bandeira e Ribeiro (*no prelo*) texto no qual confronto as minhas experiências como aluna da escolinha (única

mulher) e observadora das equipes masculinas (como pesquisadora mulher), com minha vivência como reserva da equipe feminina Brotas 40 graus no campeonato brasileiro de *rafting* de 2010, em Extrema (Minas Gerais) e as entrevistas concedidas por suas componentes.

Finalmente, o dia de treino é concluído com o treino de *potência*, também chamado *explosão*, corresponde ao movimento mais forte e rápido possível, nesse caso a remada. Neste caso, o treino simula as provas de *sprint* ou de *sprint paralelo*, apelidada *bater remos*. A segunda corresponde à largada de dois botes disputando a melhor posição em uma corrida. Situação em que a estratégia é jogar o bote para cima do outro para ocupar primeiro a melhor *linha* de correnteza do rio traz a sensação, porque ela só dura alguns segundos e acontece em comparação com outra equipe, de que de fato estamos dando tudo de nós. Quando o choque acontece os remos dos atletas dos lados opostos de dois botes podem se bater, bater nas mãos que o posicionam e também no rosto e tronco que podem estar mais inclinados para fora com a aplicação intensa de força. No regulamento, é proibido acertar o oponente com o remo, por isso o rosto e o tronco são evitados, mas os dedos nunca escapam, ficam roxos e às vezes incham. Eles dizem que é assim mesmo.

Essa última parte do treino pode ser substituída, em dias intercalados, pelo treino de *slalom* que é feito na parte do rio em que estão pendurados arames de margem à margem para comportar o encaixe das balizas. Esse trecho também é o mais iluminado em treinos noturnos, pois depois da vitória no primeiro campeonato mundial os atletas conseguiram que a prefeitura autorizasse a colocação de um holofote na ponte, para viabilizar treinos noturnos. Normalmente nesse trecho, Coré pode ficar à margem dando as instruções e cronometrando cada volta entre as balizas. Esta é a parte mais complexa tecnicamente, visto que as manobras devem ser feitas na maior velocidade possível e pequenos erros podem levar a perder a passagem para uma próxima baliza.

Em todas as modalidades correspondentes a cada uma dessas etapas do treinamento em situação de campeonato, entretanto, há a presença de pedras na água, que conformam corredeiras, e a habilidade fundamental para navegá-las é ser capaz de *ler o rio*. Como se verá nos tópicos a seguir, a situação em Brotas que propicia o treinamento desta habilidade não é encontrada nesse trecho monótono do rio, mas a quilômetros de distância desse ponto, no trecho que contém as corredeiras navegáveis.

Como a maioria dos atletas era de classe baixa e não tinham carros e reboques para levar o bote até lá, e os juniores nem carteira de habilitação, quando havia turistas para levar, o transporte era aproveitado para este treino. Como veremos, *ler o rio* é treinado nessas condições, sempre que houver oportunidade, mas usualmente nos finais de semana, quando há mais turistas e é possível pegar uma carona no ônibus das *agências* que vão até o ponto de navegação propício. Por isso, segunda-feira é o dia de folga dos *rafteiros*.

Leme, meio e proa: sobre trabalhar alto ou baixo

As diferentes posições dos *rafteiros* no bote, também chamadas de *peças*, correspondem a funções complementares. No caso do R6 (seis atletas no bote), chamadas *proa, meio e leme*, cada uma delas *direita* ou *esquerda*. No R4 (quatro atletas no bote) não há *meio*.

Grosso modo, o *proa* determina o ritmo e tamanho da remada, o *meio* é, como eles dizem, “o motor do barco,” remador que nunca para, e que substitui os demais quando eles precisam fazer acertos de direção com remadas menos intensas e em posições que não impulsionam o bote para frente, e o *leme* seria aquele que, contando com a habilidade dos demais em não tirar o barco de rumo, o direciona em pequenos ajustes finos, ou responde mais agudamente a situações inesperadas de desvio, tais como choques com pedras, outros

botes, necessidade de contornar uma baliza ou mudança abrupta no volume de água. Segundo

Coré:

O proa tem que ter boa leitura de rio pra posicionar a embarcação. Também teria que ter força, resistência e explosão porque ele trabalha às vezes mais baixo e às vezes ele tem que trabalhar mais alto na remada pra corrigir a embarcação. [Como assim, alto e baixo?] Baixo é quando ele tem que dosar mais a força que os outros pra não empurrar o bote pro outro lado e alto é o contrário, quando o barco tá sendo empurrado pela força do outro lado e ele tem que aumentar a força dele pra endireitar, pro barco voltar ao posicionamento. Então, a gente trabalha com duas peças. São dois meios, dois lemes e dois proa. Se o objetivo é levar o barco em uma direção, um leme tem que estar subindo e outro descendo. Eles tem que ter a mesma visão, pensar igual, mas ao contrário. [E como é que faz pra aprender a pensar igual?] Ah, isso é com o tempo, muito treino, bastante conversa, chegar na prova e traçar uma linha. Porque eles têm que ter uma boa leitura de linha, de onde vai passar. Conseguir identificar onde tem mais água, onde tem menos pedra, onde tá mais rasa a água pra poder botar a embarcação onde eles querem. E se na hora o combinado dá errado tem que improvisar, se deu algum imprevisto. O meio a gente chama mais de força, né? Porque ele tem que dar tração, dar suporte pros lemes manobrar e pros proas colocar ritmo. E acompanhar também porque tem que fazer sempre os movimentos juntos pra não desgovernar o barco e não fazer atrito. Se o proa recuar ele tem que recuar, se o proa acelerar ele tem que acelerar, mas sempre fazer a remada mais longa que o proa.

Quando se participa da escolinha, Coré usualmente seleciona os alunos mais experientes e os coloca no *leme*, ou seja, na popa do barco. A partir deles, que são aqueles já capazes de direcionar o bote, monta as equipes para o dia de treino. Os segundos mais experientes, ou melhor condicionados, ficam na proa, pois são eles que dão o ritmo às remadas e precisam ser capazes de mantê-la para a imitação dos demais. Os iniciantes, como eu, podem se sentar cada dia em uma posição diferente com intuito de perceber em qual delas se ajustam melhor, mas quase sempre começam pelo meio.

Por vezes, Coré interrompe o treino e nos muda de lugar. Sempre que um iniciante ocupa uma posição nova, em seu lado oposto na posição correspondente deve estar alguém mais experiente a quem ele usará como espelho (referência). Alguns fazem comentários sobre a melhora ou piora do bote, embora eu não sentisse diferença alguma.

Além da posição, cada atleta tem um lado de preferência no bote, que pode ter a ver com ser destro ou canhoto. Melhor se remar dos dois, mas esta capacidade era rara. Normalmente o que se observa é o rendimento melhor de um lado que de outro. Tanto a

escolha da posição, quanto do lado são frequentemente referidas como uma descoberta despojada. Algo “natural” assim como narra Coré:

O primeiro lado que você sente você meio que acostuma. Sempre tem um lado que a gente tem mais facilidade ou que pega o jeito mais rápido. Eu acostumei na esquerda e quando eu fui remar direita eu não conseguia, doía todo o corpo o ombro não ficava bom.

Entretanto, estes discursos do acaso eclipsam temas comuns a outros esportes de alto desempenho, como a unilateralidade e as lesões por esforço repetitivo. Depois de um tempo em campo, uma professora universitária de educação física passou a aconselhar a equipe sobre práticas mais saudáveis e a incentivar treinar a remada para os dois lados como forma de evitar o desequilíbrio postural e sobrecarregar articulações. Outra preocupação dos atletas que ficava mais silenciada, mas pode ser percebida era o controle de peso. Aspectos que sinalizam o quanto o corpo do *rafteiro* não é apenas um corpo que se encaixa na modalidade por acaso, mas é também construído por ela e nela. Quando fala de sua equipe e de como a constituiu a partir da negociação entre os *rafteiros* pelas posições, Coré deixa transparecer isso:

Vamos colocar assim: as peças mais pesadas do bote normalmente são os meios, eles têm mais envergadura pra ter mais remada. Então, tem que equilibrar o peso do bote à partir deles. E depois tem que equilibrar os lados. Por incrível que pareça hoje no nosso lado esquerdo todos têm 1,75m, os três, e em média 75 à 80 kg. E o outro lado tem uma variação maior de 70 à 80 kg e diferença de estatura de 1,65 à 1,82. Mas a gente se preocupa, porque hoje tem variação de peso de lado de coisa de 10 quilos. A esquerda é um pouco mais pesada que a direita, então, a gente procura cobrar de ninguém passar dos 80kg e, de preferência, ficar o mais leve sendo o mais forte possível. Porque os mais leves levam vantagem nas provas de resistência, por isso a gente busca um meio termo de 75 à 80 kg, assim a gente consegue ter um pouco de tudo: força, resistência, explosão e flexibilidade, que tem que ter também pras provas de slalom. Porque nós temos quatro provas diferentes no *rafting*, é como no atletismo, se você pega uma prova de 100 metros, os corredores são todos fortes, mas eles vão correr só cem metros, não a maratona. Então, nós buscamos o meio termo, precisamos ter os quatro biotipos em cada um. E é difícil. Hoje eu procuro selecionar meninos mais leves e fracos, porque por serem mais leves eles já têm mais tendência pra resistência e tem flexibilidade mais fácil e a força ele vai ganhando naturalmente ao longo do tempo. Mas, dependendo do campeonato você pode ter um ou dois reservas, então, você pode usar a estratégia de trocar peças com características diferentes, pra cada prova.

Quando iniciei os treinamentos não sabia que lado escolher, mas a posição era clara, todos sugeriam que eu começasse pelo *meio*, não só por causa de meu peso elevado, mas também porque parecia ser o que interfere menos e precisa ter menos acuidade no direcionamento do bote. Consequentemente é o que faz mais força bruta, mas eu acreditava que essa era minha única virtude e que não seria um problema.

Depois dos primeiros treinos percebi que no lado direito eu tinha muita dor lombar e no joelho esquerdo, no qual já tinha uma cirurgia e que era o que ficava para baixo nessa posição, portanto suportando mais peso. Descobri, então, que do lado esquerdo esses dois desconfortos eram diminuídos sobremaneira e assim escolhi meu lado. Meu posicionamento poderia mudar ao longo do tempo de treinamento e dependendo da equipe que fosse compor, mas o período limitado de campo não me permitiu chegar a esse estágio.

Mesmo depois de acertado meu lado tinha a sensação de que meus braços não cabiam na remada. Ou que minhas proporções não serviam para aquele tipo de remo. A dificuldade dos treinos de fundamentos piorava exponencialmente nos treinos de *slalom*. Coré nos provia com instruções sobre como contornar as balizas, mas eu nem reconhecia aquelas palavras que dirá então os ajustes nas ações corporais que elas deveriam promover. Sentia como se atrapalhasse o treino das equipes e perguntei várias vezes se ele não queria que eu deixasse o bote. Ele respondia pacientemente que procurasse imitar meu companheiro da frente. Mas ora ele me incentivava a mudar o padrão da remada e a puxar a água de lado, como o *proa* fazia, ora ele gritava pra que eu não perdesse o padrão básico de remada enquanto o *proa* fazia isso. No primeiro caso, quando se queria uma grande mudança de direção do bote, no segundo um pequeno ajuste em sua trajetória apenas.

Embora haja especificidade em cada uma das funções ou posições de *rafteiros* em um bote é preconizado que todos em uma equipe competitiva saibam, com maior ou menor

habilidade, *ler o rio*. Ou seja, que todos são responsáveis pelo direcionamento do bote em quaisquer circunstâncias.

Ler o rio e entender com o braço

Fazer leitura de rio é uma coisa que vem com o tempo. E quanto mais rios você conhecer, melhor vai ser sua leitura. Você observa assim: tem que ver a corredeira em geral, a entrada, o final e depois o que tem. Por exemplo, tem uma corredeira forte, mas mais reta e depois tem um remanso. Então, nessa você pode relaxar mais ou arriscar, porque depois é um trajeto calmo, se der algo errado dá tempo de consertar. Agora, se tiver uma corredeira forte, um intervalo curto e depois outra corredeira forte, aí não dá pra arriscar, porque se um cara cai ele vai descer sem a proteção do bote dois conjuntos de pedras diferentes (Samuka).

Através de minha iniciação no *rafting* percebi que sua modalidade de inteligência mais marcante se chama *ler o rio* e o saber-fazer a ela atrelado se chama *descer o rio*. É possível que se saiba *ler*, mas se o corpo não responder no momento certo não se sabe *descer*. Ser capaz de *ler o rio* equivale de certa forma a ter o “olho de boxeador” apresentado por Wacquant (2002):

Cada gesto, cada posição do corpo do pugilista, possui, com efeito, uma infinidade de propriedades específicas, ínfimas e invisíveis para aquele que não tem as categorias de percepção e de apreciação apropriadas, e que os conselhos de DeeDee só fazem veicular. Há um “olho de boxeador” que não se pode adquirir sem um mínimo de prática efetiva do esporte, e que, por sua vez, a torna significativa e compreensiva (p.138).

A diferença principal, entretanto, é que através do olhar do *rafteiro* não é só a remada de um adversário e do companheiro que têm que ser analisadas, para sua resposta corporal, como também os comportamentos da *natureza* precisam ser decodificados. Para que haja *rafting*, precisa haver *leitura de rio*. E para estudarmos práticas de *aventura*, portanto, é preciso fazer essa dupla consideração. É preciso recordar *As técnicas Corporais* de Mauss (1950 [2003]), texto em que preconiza que se deve trabalhar com a ideia de que as ações corporais constituem uma modalidade de linguagem, nexos corporais e uma gramática instituída por aqueles que os desempenham. Mas também é preciso desenvolver estratégias analíticas para lidar com o fato de que a *natureza*, viva e dinâmica, é nesse contexto, a arena esportiva.

No primeiro caso é preciso considerar a dificuldade da conversão do gesto esportivo em discurso², pois assim como o problematiza Bourdieu (1983), “o esporte é, junto com a dança, um dos terrenos em que se coloca com acuidade máxima o problema das relações entre a teoria e a prática, e também entre a linguagem e o corpo”. Ainda segundo o autor, o ensino de uma prática corporal encerra um conjunto de questões teóricas de primeira importância na medida em que “as ciências sociais esforçaram-se por fazer a teoria das condutas que se produzem, em sua grande maioria aquém da consciência”. E esta também é uma questão do *rafting* brotense, assim como o manifesta Coré:

Tem pessoas que falam bem, que são inteligentes, que entendem tudo, que na teoria é uma maravilha, mas chega na prática e não sai. Ela não executa. Então, eu preciso, tanto pra competir, como pra conduzir, de pessoas que executam, que se viram na prática, que não vão se meter, ou meter o cliente em roubada, que se safam e que depois podem ir adquirindo a teoria com o tempo. Eu prefiro quem não sabe como, mas faz. Eu não preciso num primeiro momento que a pessoa entenda o movimento, mas que ela execute, que ela ponha em prática. Então, se ela consegue fazer, eu consigo trabalhar ela pra depois ela entender o que ela tá fazendo e aí explicar pro cliente ou pro companheiro se for preciso, e às vezes o contrário não dá. E tem pessoas que entendem os dois, que já são boas de fazer e explicar.

Automatizar a conversão da *leitura à descida do rio* é o aprendizado do *rafting*. Este tipo de elaboração não é novidade no âmbito esportivo. Para o futebol é sabido que: “a lógica do jogo, notadamente prática, demanda processos de percepção extremamente ágeis, como se o sujeito pensasse com o corpo – com os pés nesse caso.” (Damo 2006, p.331). Analogamente ao que está descrito para o futebol, no *rafting* isto está posto pela expressão *entender com o braço*.

Ainda segundo o autor, os esportes são seguidamente subestimados pelas ciências sociais a partir do entendimento equivocado de que suas ações propriamente ditas não seriam ações sociais, na medida em que algumas representações nativas, constituídas a partir de disciplinas como a biomecânica, por exemplo, contribuíram com a dificuldade de verbalizar a intencionalidade de determinados gestos e faz crer que eles são desprovidos de sentido, quando o mais correto seria supor que eles o contêm e retém. Assim como no futebol em que,

de acordo com ele, “o jogador faz o que faz no momento em que é preciso fazê-lo,” no *rafting* esta disposição e automatização são também incorporações, mais que racionalizações. Instantaneamente *rafteiros entendem com o braço*.

Em um entre os poucos treinos que realizei com a equipe feminina, no treino de *slalom*, não conseguíamos realizar o movimento correto de contorno de uma baliza. Depois de muitas tentativas em vão, Coré tentava explicar o que deveríamos fazer, mas ele de repente conclui: “É que não dá pra falar direito porque isso não é de entender com a cabeça, é de entender com o braço”.

Ou seja, no momento da descida do rio, não adianta pensar sem agir. Segundo Wacquant (2002) sobre os esportes: “o corpo e a mente funcionam em simbiose total.” O corpo “do boxeador pensa e calcula por ele imediatamente, sem passar pela intermediação – com o atraso que isso envolve e que poderia ser caro – do pensamento abstrato, da representação prévia e do cálculo estratégico.” (p.117) Esta questão é levada ao limite pelo autor quando sugere mudanças metodológicas para a apreensão desses fenômenos e propõe a “participação observante” enquanto metodologia para abordagem de “culturas cinéticas”:

O domínio da teoria tem muito pouca utilidade, uma vez que o gesto não está inscrito no esquema corporal; e é somente quando o golpe é assimilado no e pelo exercício físico repetido *ad nauseam* que ele se torna, por sua vez, completamente claro para o intelecto. Há de fato uma compreensão do corpo que ultrapassa – e precede – a plena compreensão visual e mental. Somente a experimentação carnal permanente que constitui o treinamento como complexo coerente de “práticas de incorporação” permite que se adquira esse domínio prático das regras [...] A assimilação do pugilismo é o fruto de um trabalho de aperfeiçoamento do corpo e do espírito, que, produzido pela repetição ao infinito dos mesmos gestos, procede por uma série descontínua de deslocamentos ínfimos, dificilmente demarcados individualmente, mas cujo acúmulo, ao longo do tempo, produz progressos sensíveis (WACQUANT, 2002, p.89/90).

Sautchuk (2007) ajuda a pensar especificamente as modalidades esportivas praticadas não só ao ar livre, mas em interação com fenômenos naturais incontroláveis, em sua antropologia inspirada em uma ecologia da interação, da prática e da ação. Para o autor, em sua análise sobre duas técnicas de pesca no estuário do Amazonas “ao se posicionar ou

transitar pelos lagos, o laguista existe no ambiente de acordo com as projeções de sua percepção e sua capacidade de ação”. Mas ele não se refere à percepção passiva de um ambiente exterior objetificado. Demonstra, ao invés disso, como é preciso considerar a percepção como uma forma de ação. Perceber leva em conta não apenas as possibilidades de movimento de quem percebe, mas também as dos outros seres que agem em um ambiente. Para Sautchuk (2007), “os não humanos (animais, elementos naturais e artefatos) não são apenas objetos do conhecimento, mas também participantes no processo de formação de um neófito”. Ou seja, não aprendi a *ler o rio* porque não sabia como agir nele, no bote, com o remo e em relação à equipe.

O autor se baseia no trabalho de Ingold (2000), em particular quando aborda temáticas marcadas pela noção de *skill*, que também pode ser particularmente interessante para uma análise do *rafting*. Sob influência de uma corrente de estudos sobre o desenvolvimento motor, denominada ecológica, segundo a qual não se deve pensar no desenvolvimento de “padrões motores” intrínsecos ao organismo que surgiriam como ações cada vez melhor automatizadas face às informações colhidas no ambiente como num modelo de *input* (percepção) e *output* (ação), o autor sugere pensar a motricidade e a percepção em contextos dinâmicos e não padronizados e considera o ser humano enquanto um sistema aberto de interações com o ambiente.

Considerando as demonstrações de Wacquant (2002) e Sautchuk (2007) como premissas epistemológicas e depois de conviver com os *rafteiros* de Brotas não posso, portanto, concordar com a forma excessivamente teórica e desconectada de contextos práticos e dados etnográficos com que Elias & Dunning (1985) concebem a relação do homem com a natureza, no que definem como prática esportiva:

O desporto pode traduzir-se num combate entre seres humanos que lutam individualmente ou em equipes. Pode ser uma luta de cavaleiros e de uma matilha de cães em perseguição de uma raposa veloz. Pode assumir a forma de uma corrida de esqui, desde o cimo da montanha até o vale, um tipo de desporto que não é só um confronto entre seres humanos mas é, também, um desafio com a própria montanha coberta de neve. Assim é o montanhismo, em que seres humanos podem ser derrotados por uma montanha ou, depois de muitos esforços, podem atingir o topo e gozar a sua vitória. O desporto é sempre, em todas as suas variedades, uma luta controlada, num quadro imaginário, quer o adversário seja a montanha, o mar, a raposa ou outros seres humanos (p.83-84).

Embora, para retomar o entrelaçamento das questões de gênero com a noção de natureza de uma perspectiva do simbolismo e das representações sociais, nota-se que ao mesmo tempo em que a *aventura* é um tipo de contato com a *natureza* e fusão com ela, ela pode ser também um repositor de assimetrias não só entre homem e mulher, como também entre cultura e natureza. Não podemos esquecer, assim como mostra a realidade sociológica anteriormente descrita, que a idéia de *conquistar* ou *fazer* o rio por homens fortes e viris, mais do que uma fusão com ele alude, à primeira vista à sua subjugação (touro a ser domado). Assim como se dá com as mulheres. Ou seja, talvez a participação das mulheres ainda seja tão reduzida porque há um par oposto pelo gênero homens (condutores/esportistas/atletas) *versus* natureza (mulheres)³.

A idéia da conquista da natureza e de mulheres é muito antiga em nossa tradição ocidental e assumiu temas próprios muito relacionados as noções de viagem e exploração nas Américas. São os conquistadores homens que “penetram” o Brasil, a floresta, enfim, a mata feminilizada. Que é subjugada embora também perigosa, imprevisível, ameaçadora, assim como são as *águas brancas*.

Talvez haja um resíduo simbólico da conquista e exploração na terminologia e conduta dos lazeres de *aventura*. Mas é preciso perceber também que um novo tipo de interpretação sobre a *natureza*, mais coadunado com os valores e saberes contemporâneos, principalmente aqueles da crença na crise ecológica, coexiste com ele. Talvez estejamos testemunhando um período de transição das linguagens e atitudes ou apenas mais uma das ambigüidades dos

fenômenos humanos. E esta pode ser uma crítica aos defensores da *aventura*, para que estejam conscientes de seu duplo estatuto.

Voltemos aos dados mais técnicos desta pesquisa que não permitem dizer que os *rafteiros* concebem o rio como adversário ou a *natureza* a partir de uma rivalidade com ela. Observe a explicação de Coré sobre a *leitura do rio* que é feita através da identificação de *linhas d'água*, que corresponde à percepção dos movimentos de diferentes correntezas, e os tipos de remadas que se usa em acordo com seus efeitos no bote:

Linha é o seguinte: você ver uma água mais parada, uma água que tá mais ondulada, uma água que tem espuma, uma água mais rápida. Então, você consegue identificar. Na água mais rápida, ela te leva pra frente, na água rápida, então, você tem que pôr mais velocidade que a água, você tem que fazer uma remada mais curta. Você usa ela como uma esteira de aeroporto, ou você deixa a esteira te levar ou você pode correr em cima da esteira e chegar antes. Você usa o ritmo dela, mas você tem que remar mais rápido que ela, você pode por um ritmo pra ir naquela velocidade que é o que a maioria das equipes consegue, ou você põe um ritmo pra ir a mais que aquela velocidade. Na água parada já é o contrário, você tem que remar mais longo e mais lento, pra tirar o bote da inércia, senão ele patina. Por isso a gente diz que é um esporte radical ou um esporte de risco. Porque é na natureza e ela pode mudar a todo instante. O rio pode estar baixo e, do nada, se chove ele enche e muda tudo, todas as linhas mudam e você vai ter que mudar tudo aquilo que você planejou.

A *leitura* mais específica do rio é realizada através da identificação e comparação das características de suas diferentes *linhas d'água*. Esta avaliação é feita para culminar com a decisão de qual *linha* posicionar o bote, ou seja, qual *linha* usar para o objetivo que se quer cumprir. Na *condução* de turistas, uma *linha* mais lenta e segura; na competição, a *linha* mais rápida. É claro que em algum momento de uma competição a *linha* mais rápida pode ser evitada por ser muito arriscada e, em algum momento da *condução*, a *linha* mais lenta pode não ser usada por ser muito monótona. Mas o que fica claro é que em momento nenhum da instrução técnica a *natureza* ou o rio são referidos como em oposição ao *rafteiro*. Pelo contrário, o *rafteiro* parece querer fundir-se com o rio, compreender suas características para aproveitá-las de forma a fluir e fruir nele.

Para ensinar seus discípulos a *ler o rio* e treiná-los para o *descenso*, além das dinâmicas menos formais da *descida de boia*, no que trata da navegação específica com o

bote, Coré aproveitava as descidas com poucos *clientes* para iniciar os juniores. Visto que os treinos regulares da escolinha aconteciam apenas no trecho urbano do rio, trecho sem corredeiras, nas ocasiões em que Coré era escalado para descer com *clientes*, ou precisava acompanhar todas as *descidas* por ser o *coordenador da atividade*, no horário dos treinos, quando possível ele nos levava junto, não só para aproveitar a carona no ônibus da *agência* para ir até o trecho das corredeiras navegáveis, mas também para aproveitar a estrutura de uma *operação de rafting* que dispõe de contingente e equipamentos para resgate e do registro de cada um que está no rio em um seguro, prezando assim pela lógica da segurança, mesmo nas situações de treinamento e no contexto esportivo e com especial zelo pelos neófitos.

A organização desse treino junto aos *clientes* que, aliás, não notam a diferença na dinâmica, variava muito. As equipes mais experientes desciam sozinhas e as equipes mais inexperientes eram dissolvidas em botes com *condutores* já formados, tanto melhor se eles fossem membros das equipes competitivas adultas. Os meninos, então, eram encorajados a *fazer leme*, ou seja, o direcionamento desses botes auxiliados pelos *condutores* experientes, o que além de um treino de navegação também equivalia a um estágio de *condução*. O trecho de meu caderno de campo a seguir ilustra uma dessas ocasiões:

Hoje Coré me deixou acompanhá-lo em uma descida com clientes sentada atrás do bote ao seu lado na posição de condução. Senti-me um pouco mais confiante com minha remada e por isso mais relaxada na situação e experimentava algum prazer em desfrutar de minha nova condição, que talvez caracterizasse um avanço técnico definitivo. Depois de lhe fazer perguntas e receber correções passávamos por um remanso observando outra embarcação quando o bote exatamente onde eu sentava tocou sutilmente uma pedra arredondada submersa e eu fui projetada à água instantaneamente. Caí do bote no local menos provável, como uma fruta “caí de madura”. Não acreditava que tinha caído do bote pela primeira vez em uma situação tão ridícula e na frente dos clientes. Apressei-me a nadar em direção a ele e me esforcei pra conseguir subir de volta sozinha, embora não houvesse perigo de ser tragada pela próxima corredeira, mas queria testar se era capaz de não precisar da ajuda de Coré, que estava posicionado de forma atenta para meu resgate, mas ao mesmo tempo dava-me o tempo para que treinasse retornar sozinha ao barco, enquanto segurava respeitosamente o riso. A esse ponto eu já não me molhava tanto por ter aprendido a controlar melhor a forma como a pá do remo bate na água, e não carregava mais toalha e mudas de roupa comigo. Ao final da descida, com frio, não pude acompanhar as conversas e interações de costume, pois encharcada precisei voltar para casa.

Além do treino dentro do bote, também era preciso treinar como sobre ao cair do bote e desvirar o bote. O segundo podia ser treinado no parque dos saltos, na água parada, mas o primeiro geralmente era feito nas descidas, quando o número de turistas era pequeno e Coré podia ficar pra traz com os alunos da escolinha e, nos segurando pelo colete salva-vidas, nos colocava dentro de um refluxo, para sentirmos como a água faz nosso corpo se debater e para treinarmos apneia. Cronometrando, de tempos em tempos, nos puxava para tomarmos fôlego rapidamente e voltava a nos submergir.

Nessas descidas, eram identificados pelos mais velhos aqueles, entre os iniciantes, que tinham mais habilidade e força para o controle do bote e que liderariam, ou melhor *conduziriam*, seus colegas ou futuros clientes. Quando era o momento de se autonomizarem na *descida*, principalmente para serem capazes de participar de seu primeiro campeonato, as primeiras *descidas* sozinhos eram feitas com a equipe formada, mas com Coré sentado atrás a instruir e observar e pronto para auxiliar em uma emergência. Depois de algumas dessas experiências, Coré os deixava descer sozinhos no bote, mas sempre junto de outros botes *coordenados* por ele.

Pode-se ver neste caso como as dinâmicas de *condução* e *competição*, embora sempre distinguidas no discurso, em Brotas, se complementam na prática, uma torna a outra possível. E não só envolver-se com *condução* proporciona treinos mais profícuos para os juniores, como ser um aprendiz da escolinha conseqüentemente prepara estes jovens para a *condução*.

Depois que a escolinha passou a existir, a *agência* que a apoia não precisou mais oferecer cursos de formação para *condutores de rafting*, e a mão de obra se renovava via escolinha. Após descerem acompanhados dos *condutores formados* e entre si, eles passam a descer sozinhos de *kayak* ou *duck* (caiaque inflável), embarcação que acompanha os botes nas descidas com turistas. Isto é uma necessidade da *agência*, mas também reconhecida como uma oportunidade de aperfeiçoar ainda mais a *leitura de rio*. Ao mesmo tempo em que

treinam, eles ocupam a função de auxiliares na *descida com clientes*, quando chegam à maioria podem ser oficialmente o que chama de *safety kayak*, ou seja, as embarcações que auxiliam nos resgates de clientes que caem dos botes ou quando um deles vira e quaisquer outras situações inusitadas como perder o remo na água ou fazer o registro fotográfico da descida. E, finalmente, tornam-se *condutores*.

Entretanto, não só os outros atletas no rio, os seus companheiros de equipe e a si mesmo é preciso considerar, como também a constante e imprevisível mudança do próprio rio. Se a arena esportiva é inconstante e perigosa os *rafteiros* afirmam que o reconhecimento das condições de possibilidade de um jogo, como o futebol, por exemplo, ou qualquer esporte convencional, seria mais simples que no *esporte de aventura*. Isto porque a *natureza*, neste contexto, além de espaço externo, mundo físico, é tomada como a condição de possibilidade não só da *aventura*, mas da vida. E isto remete não só aos perigos do afogamento, mas também porque a questão ambiental e a preservação da *natureza* para a continuidade da existência humana são interesses e motivações de alguns deles para escolher este trabalho ou esporte.

A *natureza*, para eles, é o máximo entre tudo aquilo que pode ser imponderável, já que é a própria vida e a entidade que dá e tira a vida. Portanto, neste contexto atlético, o reconhecimento que está em operação não é apenas das condições do jogo, ou a superioridade frente a um adversário, mas também a capacidade de manter-se vivo ao aceitar o desafio esportivo. Nos *esportes de aventura*, de fato, e não apenas imagetivamente, se joga com o adversário e também com a própria existência.

Apesar de tudo o que fala a literatura sobre simulacros de risco e risco calculado e das prescrições de segurança detalhadas pelo presente trabalho, tanto nas práticas de *aventura* mais despojadas quanto no *esporte de aventura* de alto rendimento, completar uma *descida* ou um percurso de prova pode equivaler, literalmente, a ser capaz de sobreviver. Quando

comecei a frequentar a cidade, uma adolescente havia encontrado um corpo no rio Jacaré, no sítio do seu avô. Os comentários pela cidade diziam que ele morreu *descendo o rio cheio de bóia*, sozinho e embriagado. Esse é um entre outros casos de morte por *boiacross* comentados: “foi fazer graça de corajoso”, “resolveu fazer o rio cheio sem equipamento”...

A partir desta chave interpretativa apreende-se que, no *rafting*, o rio, e na *aventura*, a *natureza*, não se constituem como mundo físico apartado, tomado apenas como cenário concreto de experiências humanas, como se espera da mentalidade “ocidental”, pois são constitutivos dessa experiência na medida em que se percebe uma noção de *natureza* agentiva que não coincide com as narrativas científicas nas quais o homem classifica, domina e transforma sob o signo da razão. Rufus, que foi atleta da Bozo D’água, mas após conhecer sua namorada em um campeonato em Foz do Iguaçu, decidiu trabalhar por lá em algumas temporadas, e por isso pediu a Coré para compor uma das equipes secundárias, visto que não teria a mesma disponibilidade para os treinos, ao dar uma entrevista a uma repórter da televisão local durante o campeonato brasileiro de rafting de 2012, realizado em Brotas, elucida essa questão: “Muitas vezes o pessoal fala assim: “Mas o rio lá, eu passo tranquilo”. Chega no dia, ou vira o bote, ou enrosca e eu falo: “Tá vendo? Não pode falar mal dele, que ele escuta. Tem que sempre tratar bem o nosso rio”.

“Agência” neste trabalho seria um termo potencialmente gerador de confusão, visto o número de vezes que já me utilizei da palavra em outros contextos e com outra significação: a de empresa turística, por ser o termo “nativo”. A centralidade do termo agência na fala nativa, no sentido de *agências turísticas* sugere, então, que se respeite o uso nativo da expressão e procure outro para referir a categoria analítica em questão.

Em seus termos, o rio é *vivo*, o locus da ação esportiva está vivo, pode mudar a todo instante, à revelia da vontade humana e não necessariamente com o intuito de desafiá-la, muda simplesmente porque está vivo e vida é movimento. Mas, mais do que isso, o rio é tido

como uma pessoa não-humana na medida em que seus movimentos se constituem como uma linguagem. Compreender a linguagem dos *rios de corredeira* nesse contexto é a expertise dos *rafteiros*.

Sousa (2004) também já identificara a importância do termo *leitura do rio*. Entretanto, ela o utiliza em seu texto em desacordo com a forma como ele é operado na prática brotense, na medida em que confere à expressão uma interpretação bachelariana no sentido de imaginação sobre o rio, minimizando o fato de que descer uma corredeira, ou uma série delas, é um desafio técnico.

Nesse campo, o rio é visto na matriz das ações de suas águas, pedras e margens, que são também ações sociais. E desta relação entre as ações não-humanas e as humanas é que derivam as técnicas esportivas e de trabalho no *rafting*, simultaneamente de sobrevivência, fluxo ou navegação (técnicas de gerar caminhos) e fruição.

A relação dos *rafteiros* com o rio é uma relação intersubjetiva pessoa-pessoa, mediada pelas técnicas de navegação em corredeira, mas a pessoa no *rafting* é uma pessoa-conjunto. A idéia de pessoa fractal (Wagner, 1991), não no sentido melanésio de parentesco, mas no sentido de que é um conceito de pessoa que não é nem singular, nem plural, ajuda a pensar a *condução* porque há vários remadores, mas apenas uma direção para o bote. E no sentido de que suas ações são ao mesmo tempo individuais e corporativas - de fato, nesse caso etnográfico encontra-se o ideal de “corporatividade”: a fusão ostensiva de indivíduos em um único “corpo” social - ajuda a pensar a pessoa coletiva na *competição*, a pessoa-equipe, protetizada pelo bote e pelos seis remos que são empunhados, como eles dizem, “como uma só pá”.

Esta é a beleza e o desafio de um estudo sobre práticas contemporâneas de *aventura*. Depois do período de campo me dei por conta de que sua questão fundamental não é apenas aquela tornada clássica por Wacquant (2002), na qual eu apostava no início deste trabalho:

“como dar conta, antropológicamente, de uma prática tão intensamente corporal.” Mas, antes como ela se relaciona com questões sobre interação e a percepção do ambiente natural e meios de vida mais sustentáveis em sociedades ocidentais. Além disso, como o faz não apenas através da perspectiva do uso dos recursos naturais com fins econômicos, mas também através da importância de sua apropriação lúdica.

Segundo os *rafteiros*, além das *linhas* é preciso considerar outros tipos de movimentos do rio e suas consequências no direcionamento do bote, em combinação com as *linhas*: a *onda*, o *remanso*, o *refluxo* e o *rebojo*. Mais uma vez, nas palavras de Coré:

Se o trecho é raso, tem mais espuma, tem aquela bateção, faz onda, então, tá indicado ali. A pedra sempre vem antes da onda, porque a água bate na pedra e depois se forma, então, mesmo com a pedra escondida pelo tamanho da onda e a quantidade de espuma você sabe dizer se tá mais raso ou fundo, se dá pra passar ou passa enroscando. E o rebojo é como se fosse o encontro de duas correntes que batem numa água parada e ela acaba se mexendo, forma um redemoinho, a força dela é pra baixo, você não sente apoio nela, ela não te dá sustentação, é uma água instável, que a gente chama de água leve. O refluxo é quando o volume todo de água não consegue passar num lugar estreito e a água bate e volta, essa também faz força pra baixo, aí se você cai, você as vezes não consegue sair de um refluxo sozinho, ou pode ficar preso numa fenda entre duas pedras. E a água pesada que é a água mais pesada é o remanso. O ideal é procurar uma água meio termo, mas mais pra leve, porque é a água da correnteza ela tá em movimento. Mas ela tem que dar estabilidade de você apoiar o remo e a água te devolver a força dela pra você poder impulsionar.

A relação com o rio em Brotas é mais de agonismo ou sinergismo que de antagonismo. A relação antagonista se dá nas competições contra outras equipes e a competição parece ser a mensuração de quem é mais capaz de estabelecer uma boa relação com o rio através do remo e da embarcação. A relação *rafteiro-rio*, relação humano/não-humano, é dada no envolvimento prático entre eles.

Nesse processo, o conjunto *rafteiro-remo*, assim como o *caçador-lança* (Ingold, 2000) e o *proeiro-arpão* (Sautchuk, 2007) é um conjunto humano-prótese que promove um novo estado somático. Um *rafteiro* só o é através de seu remo e bote⁴ Neste novo estado somático, e em acordo com os diferentes trechos a serem percorridos em um rio, os *rafteiros* laçam mão de diferentes tipos de remada: *frente*, *varredura* (com trajetória lateral para mudança na

direção do bote) *e ré*, que podem ser *curta, média e longa* e às distintas combinações de velocidade dos dois momentos da remada: aquele em que a *pá* está em contato com a água e a chamada *fase aérea*. Desta forma, também é entendido que se os remadores forem sincrônicos em ritmo e aplicarem a mesma força, tamanho e direção de remada, o bote minimiza seu atrito com a água e segue sem desvios, e, portanto, sem necessidade de maiores ajustes do *leme*, podendo ser mais um a concentrar sua força em avançar rumo à chegada.

Mas nota-se mais do que a questão da técnica do gesto esportivo, que ela é determinada pelas condições do rio que é *lido* da perspectiva de quem procura *linhas d'água* que fluem entre pedras e bancos de areia e que aceleram ou protegem o bote e não de quem os observa como obstáculos a serem superados. Desse ponto de vista, a relação dos *rafteiros* com o rio é antes da ordem da interação do que da competição.

Na literatura antropológica existente, quase sempre as questões sobre como as pessoas interagem com seu meio ambiente, prática e tecnicamente, são estudadas em sociedades de caçadores e coletores ou em sociedades tradicionais sobre suas técnicas e estratégias de sobrevivência e subsistência. Sautchuk (2007) destaca nesta seara:

autores no cenário contemporâneo, que tomam a técnica como relação não simplesmente utilitária ou adaptativa entre os humanos e o ambiente. Um deles é Philippe Descola (1994, 2005), que considera a técnica no âmbito de uma proposta da antropologia da natureza. Ele rejeita as duas vias opostas que detecta nas abordagens etnológicas da relação do homem com o ambiente: uma que considera a natureza como um objeto sobre o qual os nativos exercem seu pensamento taxionômico e cosmológico; e outra, utilitarista, que postula a determinação da sociedade por seu ambiente, considerando a elaboração simbólica como epifenômeno da adaptação. Contra essas formas de reprodução do dualismo mente/matéria, Descola propõe conceder papel de destaque à prática – entendida como totalidade orgânica, onde aspectos materiais e conceituais estão intimamente ligados (1994: 02-3) [...] Em seu trabalho mais recente, *Par-delà nature et culture*, Descola (2005) dialoga com a antropologia simétrica de Latour (1994), considerando que os humanos formam coletivos com os não-humanos (animais, objetos, espíritos, etc.), e compreendendo a técnica como modalidades específicas de estabelecer relações entre eles. As técnicas seriam então objetivações de relações entre os seres. (p.11)

O rio de corredeira é um ser vivo. O *rafting* brotense, portanto, não deixa de imbricar uma e outra questão, a da subsistência e sobrevivência e a interação humana com seu entorno

sem, contudo, excluir sua possibilidade lúdica. Para abordar as práticas de lazer de *aventura*, entendendo que esta terminologia remete à exposição ao incontrolável dos fenômenos naturais, é preciso reconciliar a literatura sobre práticas esportivas não só com aquela sobre o corpo, mas também com aquela que problematiza a questão em torno do divisor natureza/cultura.

A proposta de Ingold (2000) que parte da premissa que “formas de agir no meio ambiente são também formas de percebê-lo” pode ajudar a pensar ideias práticas como *ler o rio* na medida em que o autor procura “substituir a dicotomia natureza e cultura pela sinergia organismo e meio ambiente” e preconiza que em sua educação sensorial os noviços aprendem a perceber o mundo a partir de dicas chave e descobertas por revelação.

the assumption has persisted that people construct the world, or what for them is ‘reality’, by organising the data of sensory perception in terms of received and culturally specific conceptual schemata. But in recent anthropology, this assumption has been challenged by advocates of ‘practice theory’, who argue that cultural knowledge, rather than being imported into the settings of practical activity, is constituted within these settings through the development of specific dispositions and sensibilities that lead people to orient themselves in relation to their environment and to attend to its features in the particular ways that they do. In the second part of Chapter Nine, I assess the relevance for anthropological understanding of alternative approaches drawn from cognitive science, ecological psychology and phenomenology. Though my conclusion is that anthropology has more to gain from an alliance with ecological psychology than with cognitive science, and that such an alliance accords well with a phenomenology of dwelling, there are still problems to be faced in overcoming the dichotomy between culture and biology, in reconciling a phenomenology of the body with an ecology of mind, and in translating the overall theoretical perspective into a practicable programme of research (INGOLD, 2000, p.153/154).

Esta abordagem é especialmente profícua em um campo em que - assim como aquele de povos em que nada se ensina com palavras, mas com convites à experiência - “*ler o rio se aprende descendo*”.

Note o leitor a importância da prática para a apreensão teórica do rio. Ou melhor, que não há uma apreensão exclusivamente teórica do rio no *rafting*. *Ler o rio* é uma ideia prática já que a forma como se veem as *linhas* não é suficiente para sua apreensão e isto vai ao encontro de outra premissa de Ingold (2000), a de que é preciso igualar em importância os

outros sentidos à visão para apreender técnicas de interação com o meio ambiente às quais não estamos acostumados.

Considerações finais

A partir da minha experiência corporal colocada à serviço da produção de conhecimento, posso concluir que, como precisei me afastar dos treinos, em um tempo já curto de campo, por causa de uma tendinite no punho, embora tenha ficado na margem observando por vezes o rio, por vezes o comportamento de homens e botes no rio, buscando enxergar as diferentes *linhas* e pedindo que *rafteiros* experientes que chegassem por perto me apontassem seus fluxos, não cheguei a ser capaz de enxergá-los porque não senti suficientes vezes seu efeito em minha pele, meu labirinto, meu corpo nelas mergulhado ou em meu corpo-bote-remo.

Ler o rio não é apenas ver as diferenças nos movimentos da água, mas saber o que elas podem fazer com o bote e, eventualmente, com o *rafteiro*. Compreendo o que falam os *rafteiros* sobre as *linhas*, mas não enxergo nada a não ser água, bancadas de areia e pedra. Isto me lembra uma anedota neurocientífica, contada por um professor, sobre um cego que voltou a enxergar e foi levado a um zoológico, mas só viu o macaco dentro da jaula ao encontrar e tatear uma estátua de um macaco. *Ler o rio* é como enxergar com as mãos. As *linhas* do *rafting* só se enxerga com todo o corpo.

Referências Bibliográficas

- BANDEIRA, M., RIBEIRO, O.C. 2015. Sobre os profissionais do lazer de aventura: problemas da atuação na interface esporte e turismo. **Licere**. Belo Horizonte, v.18, n.3.
- BANDEIRA, M., RIBEIRO, O.C. (*no prelo*) Onde estão as raftieras? IN: CARVALHO, P.H., SOARES. J.P. e BANDEIRA, M. **Corpos em Movimento**. Editora Appris.

BANDEIRA, M., AMARAL, S. e BASTOS, A. (no prelo) Anônimos Supercampeões: a equipe de rafting Bozo D'água e a caracterização dos esportes de aventura. **Revista Motrivivência**, Florianópolis.

BOURDIEU, P. 1983. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de Sociologia**. Marco Zero: Rio de Janeiro.

WACQUANT, L. 2002. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Cumará,.

WAGNER, R. 1991. "The Fractal Person". In: Marilyn Strathern e Maurice Godelier (org.). **Big Men and Great Men: Personifications of Power in Melanesia**. Cambridge: Cambridge University Press.

DAMO, A. 2006. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de futebolistas no Brasil e na França**. Tese de doutorado apresentada para ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

INGOLD, T. 2000. **The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill**. London: Routledge.

SAUTCHUK, C. E. 2007. **O Arpão e o Anzol: Técnica e Pessoa no Estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília.

ELIAS, N., DUNNING, E. 1992. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL.

SOUZA, F. 2004. **O imaginário no Rafting: uma busca pelos sentidos da aventura, do risco e da vertigem**. São Paulo: Zouk.

¹ Para saber mais sobre a equipe ver Bandeira, Amaral e Bastos (no prelo).

² E ainda mais, não só a conversão de movimentos em palavras, mas em linguagem sociológica: "com meus punhos e minhas vísceras, e estando eu mesmo tomado, capturado e cativado por ele, será que eu conseguiria retraduzir essa compreensão dos sentidos em linguagem sociológica e encontrar as formas expressivas adequadas para comunicá-la, sem com isso amenizar suas propriedades as mais distintas?" (Wacquant, 2002, p.15).

³ Devo esta reflexão aos professores Luiz Fernando Rojo e Felipe Vander Velden que compuseram minha banca de defesa.

⁴ No *rafting*, a unidade protetizada mais importante não é rafeiro-bote, mas sim rafeiro-remo, visto que não se pode carregar os botes para todos os lugares de atuação no *rafting*. Especialmente no contexto competitivo internacional o organizador de cada campeonato oferece mandatoriamente os barcos a fim de garantir iguais condições de competição através de iguais peso e largura das embarcações.